

O livro de Caeiro

Pedro Sepúlveda*

Pessoa conceived and projected the edition and publication of the book of poems of his *master* Alberto Caeiro, never having concluded this project. Beginning with the analysis of his plans for the edition and publication of Caeiro's poems, I will focus on the decisive position of this work in Pessoa's literary universe, pointing out some of the fundamental difficulties implied in the project of publishing it in form of a book.

Beyond the problem of publishing one finds the more fundamental question of the impossibility of the constitution of what would be *the book of Caeiro*. This case can be seen as the particular manifestation of three fundamental problems implied in the question of the book: the problem of totality, in opposition to the fragment, of materiality, as opposed to ideality, and the problem of authorship.

Keywords: Fernando Pessoa; Alberto Caeiro; Book; Project; Author.

Sobre o café a conversa pôde intelectualizar-se por completo. Consegui levá-la, sem custo, para um único ponto, o que me interessava, o livro de Caeiro.

A.S., *Entrevista com Alberto Caeiro* (AC: 197)¹

* Mestre em Filosofia pela Universidade de Colónia, Alemanha, bolseiro de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e doutorando na área de Estudos Portugueses/Estudos de Literatura, sob orientação do Prof. Abel Barros Baptista, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL), membro fundador do Laboratório de Estudos Literários Avançados (ELAB), da mesma Faculdade.

1 Um dos fragmentos deste texto encontra-se atribuído a "A.S.", possível sigla de Alexander Search.

Se singular é a posição de Alberto Caeiro no universo literário pessoano, não o é menos a da obra que lhe é atribuída e que Pessoa concebeu como *o livro de Caeiro*. Diversos foram os planos de edição e de publicação deste livro, que, segundo o plano mais ambicioso, deveria incluir uma nota dos parentes de Caeiro que editam a obra, prefácios e posfácios assinados pelos *discípulos*, devendo ser ainda apoiado por artigos de recensão em diversos países, respectivas traduções e até uma entrevista com o *mestre*, já falecido, cuja obra seria publicada postumamente.

Na correspondência de Pessoa, assim como nas suas listas de projectos, encontram-se diversos planos de edição e de publicação da obra de Caeiro, que analiso em seguida. Estas listas de projectos – das quais transcrevo seis, particularmente elucidativas, em anexo² – estão em grande parte inéditas, encontrando-se dispersas pelo espólio pessoano à guarda da Biblioteca Nacional.

1. Planos de edição e de publicação do livro

Este livro já devia ter aparecido; mas esperava-se a apresentação do Sr. Dr. Ricardo Reis; e como esta tinha de vir da América, houve mais demora do que se esperava na publicação do livro.

A.L.C. e J.C., *Nota dos Editores* (PCAC: 21)³

Não só houve mais demora do que se esperava, como, de facto, Pessoa nunca editou ou publicou o livro de Caeiro, apesar de cedo manifestar vontade de o fazer (cf. p. ex. *CO-I*: 142). Publicou, no entanto, alguns dos poemas assinados pelo mesmo em revistas literárias: em 1925, em dois números da revista *Athena*, apresenta uma *Escolha de Poemas de Alberto Caeiro*, constituída por vinte e três poemas de *O Guardador de Rebanhos* (*Athena*, n.º 4) e vinte e um *Poemas Inconjuntos* (*Athena*, n.º 5). Em 1931 publica na revista *Presença* o oitavo poema de *O Guardador de Rebanhos* (*Presença*, n.º 30), assim como *O Penúltimo Poema*, destinado a figurar nos *Poemas Inconjuntos* (*Presença*, n.º 31/32).

A correspondência pessoana documenta um constante desejo de organizar e publicar a obra de Caeiro, acompanhado por dificuldades

² Agradeço a Jerónimo Pizarro a sua preciosa ajuda na transcrição e datação das listas de projectos.

³ Nota atribuída aos parentes de Alberto Caeiro, indicados pelas siglas.

que se lhe colocam, referindo Pessoa sobretudo o carácter inacabado dos textos. Já em 1914, Pessoa escrevia a Côrtes-Rodrigues:

“Caeiro perpetrador de algumas linhas que encontrarão talvez asilo num livro futuro. Mas essas linhas são esboços de poesias, não poesias propriamente falando.” (*idem*: 120)

Na sua *Tábua Bibliográfica*, publicada catorze anos depois, em 1928, na revista *Presença*, Pessoa caracteriza os poemas de Caeiro publicados na *Athena* como sendo apenas “excertos dos poemas” (*CRI*: 406).

A correspondência com os directores da *Presença*, em particular com Gaspar Simões, a partir do final dos anos 20, documenta, com particular incidência, o desejo de publicar Caeiro, estimulado por igual vontade da parte dos directores da revista. No entanto, este desejo é também permanentemente colocado em causa por elementos que dificultam a sua concretização. Ainda em 1928, Pessoa respondia à solicitação de publicação das suas obras na *Presença*, da parte de José Régio, manifestando a indisponibilidade para publicar a obra de Caeiro: “Do extinto Alberto Caeiro não pude obter composição alguma, pois os parentes, ou testamenteiros, me não facultaram o traslado.” (*CO-II*: 131). Em resposta a carta de 1930, na qual Pessoa revela a sua vontade de publicar o oitavo poema do *Guardador*, Gaspar Simões solicita-lhe o envio de “mais um poema” do mesmo (cf. *CFPP*: 142). Pessoa responde-lhe recusando o envio de mais algum poema de Caeiro, defendendo que “aquele em que lhe falei já é bastante longo, e não há outro que fique certo junto dele” (*idem*: 223). Cerca de ano e meio mais tarde, em 1932, e respondendo a diversas solicitações para publicar não só Caeiro mas vários volumes da sua obra, Pessoa escreve a Gaspar Simões manifestando o desejo de publicar, brevemente, três volumes: *Portugal* (título pensado para *Mensagem*), *Livro do Desassossego* e *Poemas Completos de Alberto Caeiro* (com o prefácio de Ricardo Reis, e, em posfácio, as *Notas para a Recordação do Álvaro de Campos*)” (*CO-II*: 269). Prossegue indicando ainda, na mesma carta, o modo como deveria ser publicada a obra dos heterónimos:

“Não sei se alguma vez lhe disse que os heterónimos (segundo a última intenção que formei a respeito deles) devem ser por mim publicados sob o meu próprio nome (já é tarde, e portanto absurdo, para o disfarce abso-

luto). Formarão uma série intitulada *Ficções do Interlúdio*, ou outra coisa qualquer que de melhor me ocorra. Assim, o título do primeiro volume seria, pouco mais ou menos: *Fernando Pessoa – Ficções do Interlúdio – I. Poemas Completos de Alberto Caeiro (1889-1915)*.” (*idem*: 270)

Para além de indicar *Poemas Completos de Alberto Caeiro* como primeiro volume de uma série pensada sob a designação *Ficções do Interlúdio*, Pessoa surge aqui na posição de autor que assina os poemas do heterónimo, relegado para mero nome de personagem inserido no título da obra.⁴ Acrescenta, no entanto, que seria necessária uma revisão dos textos de Caeiro, apresentando ainda como principal dificuldade a impossibilidade de êxito do livro, o que justificaria a sua indecisão quanto ao propósito de o publicar:

“E, quanto ao Caeiro, estou indeciso. Também tem alguma coisa que rever, mas é pouco. À parte disso, está, pode dizer-se, completo, se bem que alguns dos “poemas inconjuntos” e uma ou outra nota de alterações a fazer nos primeiros (*Guardador de Rebanhos*) estejam dispersas por entre os meus papéis. Achados porém estes elementos dispersos, o livro pode ser completado rapidamente. Tem uma desvantagem – a quase impossibilidade de êxito, devendo pois ser um livro a publicar com sacrifício material. O sacrifício material depende, é claro, das minhas condições materiais de momento. Em todo o caso, nesta revisão e classificação dos meus papéis, vou achando e arrumando o que pertence ao Caeiro.” (*idem*)

Esta mesma indecisão terá levado Pessoa a equacionar, em cartas seguintes aos directores da *Presença*, a possibilidade de começar pela publicação do *Cancioneiro*, atribuído ao ortónimo. No entanto, em carta de 1933, volta a sublinhar que a prioridade é mesmo a publicação de Caeiro, sendo que como entrave surge o facto de os *Poemas Inconjuntos* necessitarem ainda de uma “revisão psicológica”:⁵

4 Manifesta-se aqui uma dimensão paradoxal inerente ao próprio projecto da heteronímia, sendo o heterónimo, simultaneamente, personagem e autor da obra, sendo esta uma questão que iremos abordar mais adiante. No prefácio à sua edição de *A Poesia de Alberto Caeiro*, Manuel Gusmão alude precisamente a esta problemática, citando a mesma carta a Gaspar Simões: “Sublinhe-se: Alberto Caeiro, nome de *autor*, aparece no título da obra, assim tornado, mais do que assinatura, personagem, herói dela, de qualquer forma *incluído* nela.” (Gusmão, 1986: 11-12).

5 Revisão esta que lembra a nota sobre a necessidade de uma revisão do *Livro do Desassossego*, para que os trechos se adaptassem à psicologia de Bernardo Soares (cf. *LdD*: 453). Cf. a este

“O meu primitivo intuito, quanto a Caeiro, era de publicar, num só livro, os *Poemas Completos* (*O Guardador de Rebanhos*, *O Pastor Amoroso*, *Poemas Inconjuntos*). Sucede, porém, que não tenho reunidos ainda todos os poemas inconjuntos, nem sei quando os terei; e, ainda, que esses precisam de uma revisão de outra ordem, já não só verbal mas psicológica. É o que, como acima disse, não sucede com *O Guardador de Rebanhos*, como, aliás, não sucede com os cinco ou seis poemas do *Pastor Amoroso*.” (*idem*: 287)

Necessitando os *Poemas Inconjuntos* de uma tal “revisão psicológica”, provavelmente com vista a estarem de acordo com uma projectada dimensão psicológica da figura de Alberto Caeiro, Pessoa propõe então começar pela publicação do *Guardador*, cujos poemas estariam já prontos, ainda que necessitassem, também eles, de uma pequena “revisão verbal”:

“Proponho-me dar-lhe *O Guardador de Rebanhos* do Caeiro, completo, com os seus 49 poemas. Está nas condições que acima lhe indiquei, e está pronto, salvo qualquer revisão verbal, que se pode fazer no próprio processo de o passar a limpo. [...] De facto, e para dizer qualquer coisa parecida com a verdade, gostaria que vv. publicassem *O Guardador de Rebanhos*. Teria eu assim o prazer de serem vv. que apresentassem o melhor que eu tenho feito – obra que, ainda que eu escrevesse outra *Iliada*, não poderia, num certo íntimo sentido, jamais igualar, porque procede de um grau e tipo de inspiração (passe a palavra, por ser aqui exacta) que excede o que eu racionalmente poderia gerar dentro de mim, o que nunca é verdade das *Iliadas*” (*idem*: 288)

No que toca à questão da inspiração, sabe-se como a investigação crítica do manuscrito do *Guardador* contraria a ideia, expressa por Pessoa na carta a Casais Monteiro sobre a génese dos heterónimos, de um único momento de êxtase que teria resultado na escrita de mais de trinta poemas do mesmo. Pensa-se, no entanto, que grande parte dos quarenta e nove poemas tenha sido escrita, de facto, em poucos meses, entre Março e Maio de 1914, a julgar pela datação do próprio Pessoa e pelas características do manuscrito que permitem estabelecer a sua génese (cf.

respeito as reflexões de Richard Zenith, que compara os dois casos, concluindo ser o de Caeiro mais difícil de compreender, por não apresentar tantas dificuldades de organização como o *Livro* (Zenith, 2001: 249).

Castro, 1986 e 1990). Sendo certo que Pessoa nunca deixou de introduzir emendas e variantes no manuscrito, a verdade é que, ao contrário de outras obras, o *Guardador* foi escrito num espaço de tempo extraordinariamente curto e finalizado (ou quase) muito cedo, ainda durante o ano de 1914 (cf. *idem*). Em relação a *O Pastor Amoroso*, os primeiros dois poemas têm igualmente data de 1914, sendo os seis restantes datados ou datáveis de 1929 ou 1930. No caso dos *Poemas Inconjuntos* a datação é mais difícil, existindo apenas alguns poemas datados, entre 1914 e 1930 (cf. AC: 209-220). A partir destes dados, vê-se como não só o *Guardador* estava, supostamente, há muito pronto, como também as datas dos poemas das outras duas partes da obra são anteriores à intensa correspondência com Gaspar Simões, na qual se discute a publicação de Caeiro.

Outros importantes documentos dos planos de edição e de publicação da obra de Caeiro são as listas de projectos de Pessoa, existindo no espólio pessoano à guarda da Biblioteca Nacional mais de cinquenta listas com referência a Caeiro, tendo sido uma pequena parte das mesmas já publicada.⁶ Conjecturando sobre a existência de mais listas que não se encontram no espólio e ainda sobre a evidência de uma boa parte das mesmas não ter sido preservada, facilmente se concluiria que Pessoa elaborou para Caeiro pelo menos tantas listas de projectos quanto poemas, provavelmente mais. Projectos, pois, não faltaram, aliás o que não falta no espólio pessoano são listas de projectos por concretizar. Das listas que dizem respeito a Caeiro, a maior parte são listas de publicação de várias obras, entre as quais é mencionada a obra de Caeiro, existindo ainda listas de ordenação dos poemas e do próprio livro de poemas de Caeiro.

Num plano datável de 1914, já publicado, encontramos uma pormenorizada lista dos poemas do *Guardador*, numerados e ordenados para uma possível edição, testemunhando como nesta altura a obra estava praticamente concluída, contando já com quarenta e três poemas. Pessoa acrescenta em nota o seu projecto de a finalizar: “(Try to reach 50, or, at the very least, 45) or 49 (44, 45, 46, 47, 48, 49)” (cf. BNP / E3: 48-27^r e AC: 203-204). Sensivelmente da mesma época é datável uma lista de artigos de recensão da obra de Caeiro a publicar, cuja autoria

6 Cf. as listas já publicadas em PCAC: 18, 40, 112, 180 e 212; AC: 203-205; AM: 153-168; SOI: 423-439 e Lopes, 1990: 384-392.

Pessoa atribui não só a ele próprio – um artigo a publicar na revista *Águia*, do qual ficou um esboço – como a vários conhecidos e amigos que poderiam apoiar a edição da obra, prevendo ainda a recepção da mesma em Inglaterra, França, Espanha, Itália e na Alemanha (cf. BNP / E3: 14B-16 e 16a^v, *Anexo*, 1 e *Figura 1*). Torna-se evidente como, já em 1914, Pessoa tinha *O Guardador de Rebanhos* praticamente finalizado e projectava um lançamento da obra em larga escala, tanto em Portugal como no estrangeiro.

Encontra-se ainda no espólio um segundo plano de lançamento e recepção da obra, datável por volta de 1916 e um pouco mais comedido que o primeiro, ainda que igualmente ambicioso. Este plano previa, para acompanhar a publicação de *O Guardador de Rebanhos*, uma entrevista a Caetano, da qual existe também um esboço, o mesmo artigo de Pessoa em *A Águia* e ainda artigos de recensão em Inglaterra e França, acompanhando o lançamento das respectivas traduções inglesa e francesa da obra (cf. BNP / E3: 8-3^v, *Anexo*, 2).

Os títulos das obras atribuídas a Caetano nas listas de projectos praticamente não variam, excepção feita ao mencionado plano de 1914, no qual, para além do *Guardador*, são atribuídas a Caetano a *Chuva Oblíqua* e *Cinco Odes Futuristas*, mais tarde atribuídas ao ortónimo e a Álvaro de Campos, respectivamente. *O Guardador de Rebanhos* e *O Pastor Amoroso* são referências constantes, sendo a referência ao primeiro, como seria de esperar, bastante mais frequente e existindo variação apenas no que diz respeito ao conjunto de poemas que só mais tarde são designados por *Poemas Inconjuntos*.⁷ Em planos datáveis por volta de 1917 surge a designação *outros poemas e fragmentos* ou *poemas e fragmentos não revistos* (cf. p. ex. BNP / E3: 21-1^r e 21-2^r). Pessoa projectava, por esta altura, um livro de poemas de Caetano – *O Guardador de Rebanhos. Poemas. Seguidos de outros poemas e fragmentos* – a ser publicado pelos parentes de Caetano, que escreveriam uma *Nota dos Editores*, seguida de um longo prefácio de apresentação da obra assinado por Ricardo Reis, surgindo o livro ainda inserido num plano global de publicação de obras do *Neo-Paganismo* (cf. *idem* e particularmente BNP / E3: 21-2^r, *Anexo*, 3).

A referência à obra de Caetano nas listas de projectos é de vária ordem, sendo habitualmente curta, directa e precisa. Encontram-se, a título de exemplo, as designações *Caetano*, *O Guardador de Rebanhos*, assim como *Caetano – 1 e 2*, *Caetano, completo* ou até apenas *Caetano* – por diversas vezes se encontra a indicação do nome e não de uma obra determinada, o que remete para a questão da complexa relação entre as concepções do

7 Esta designação surge em listas a partir do final dos anos vinte. Como refere Álvaro de Campos, foi Ricardo Reis que a escolheu (cf. *PCAC*: 163), sendo que Reis afirma o contrário, num dos seus muitos esboços para o prefácio à obra do *mestre*: “[...] os seus primeiros poemas, os do livro intitulado *O Guardador de Rebanhos*, os do livro, ou o que quer que fosse, incompleto, chamado *O Pastor Amoroso*, e alguns, os primeiros, do que eu mesmo, herdando-os para publicar, com todos os outros, reuni sob a designação que Álvaro de Campos me lembrou bem, de *Poemas Inconjuntos*.” (*idem*: 23).

heterónimo e da sua obra, que será esboçada mais adiante. Marca da importância de Caeiro é ainda o facto de surgir, nas listas de projectos de publicação, preferencialmente em primeiro ou segundo lugar.

Num plano de publicação datável da segunda metade dos anos 20, *Fernando Pessoa* surge na categoria de *autor* dos *Poemas Completos de Alberto Caeiro* – que deveriam ser acompanhados por um prefácio de Ricardo Reis – sendo a autoria de *Acessórios, Versos de Álvaro de Campos* igualmente atribuída a Pessoa (BNP / E3: 48B-8^o, *Anexo, 5 e Figura 2*). Encontra-se aqui sublinhada a ideia, expressa em carta a Gaspar Simões, em 1932, de publicar a obra dos heterónimos em nome próprio. A partir destas duas fontes, conclui-se que se trata de uma ideia tardia e que provavelmente não estaria definitivamente assente, dado não surgir em mais planos que os mencionados.

Encontra-se igualmente documentada em listas mais tardias uma maior complexidade do projecto de edição do livro de Caeiro, que surge associado não só ao prefácio de Ricardo Reis, como também a outros textos, como as *Notas para a Recordação do meu mestre Caeiro*, de Álvaro de Campos. Um plano datável do final dos anos 20 ou início dos 30 indica os *Poemas Completos de Alberto Caeiro* como o primeiro tomo da série *O Regresso dos Deuses*, mencionando ainda, para além do prefácio de Reis, as *Notas* de Campos, como posfácio, a já anteriormente prevista *Nota dos Editores* e ainda *Natividade de Alberto Caeiro, por Fernando Pessoa*, devendo o livro de poemas ser composto por *O Guardador de Rebanhos, O Pastor Amoroso e Poemas Inconjuntos* (BNP / E3: 48C-28^o, *Anexo, 6*). Embora o plano de edição surja aqui com uma elaboração mais complexa que anteriormente, não parecem existir diferenças decisivas em relação ao plano datável de 1917, que levem a colocar em causa uma manifesta continuidade.

A julgar pelas listas de projectos, assim como pela correspondência, os planos de edição e de publicação do livro de Caeiro não sofrem alterações decisivas, sendo este um propósito que surge habitualmente como prioritário. A haver dúvidas, estas prendem-se com os paratextos da obra (que prefácio, nota ou posfácio incluir, que artigo ou tradução se deveria seguir à publicação da obra), assim como com a sua possível inserção num determinado conjunto, designado pelo título de uma série ou colecção, da qual os poemas de Caeiro constituiriam um volume ou uma parte, seja este o *Neo-Paganismo, O Regresso dos Deuses*, títulos

que surgem pela primeira vez por volta de 1917, ou *Aspectos*, por volta de 1918, e ainda *Ficções do Interlúdio*, sendo esta a designação mais frequente, tratando-se de uma ideia que antecede as outras e possivelmente as acompanha enquanto projecto paralelo, surgindo por fim como projecto que substituiria os outros.⁸

Numa curiosa lista datável do início dos anos trinta, provavelmente posterior ao plano de publicação de *O Regresso dos Deuses*, Pessoa refere, à semelhança do que confessa na carta a Gaspar Simões, a necessidade de rever os textos de Caetano e a dificuldade que esta tarefa implica, o que justificaria a ideia de começar pela publicação de *Portugal* ou do *Cancioneiro*, remetendo a publicação de Caetano para o ano de 1933 e acrescentando ainda, como reserva, a nota extremamente significativa “a não ser que a revisão de Caetano dê muito que fazer” (BNP / E3: 51-89^r, *Anexo, 7 e Figura 3*). Aquele que seria o livro de Caetano, já praticamente concluído em 1914, era afinal ainda, no final da vida de Pessoa e como este anotava, já em 1919, por cima de um *poema inconjuncto*, um “livro por escrever” (BNP / E3: 67-50^r, *Anexo, 4 e Figura 4*).

2. O livro de Caetano

*Por mim (para falar de mim) se às vezes adoço com este mal de cansaço que é um dos tédios da vida contemporânea, basta que abra o livro de Caetano, e recu-
pero a fé no meu corpo, e a quietude da decisão antes de agir.*
António Mora, *Regresso dos Deuses* (PCAC: 262)

Pessoa concebeu Caetano como o *mestre* que iria operar em si e nos outros heterónimos, seus *discípulos*, uma mudança radical, não só curando-os dos diversos males herdados da cultura cristã, como sendo, nas palavras de Campos nas suas *Notas*, o “descobridor das [suas] almas” (PCAC: 164), o “mestre de toda a gente com capacidade para ter mestre” (*idem*: 161). Caetano faleceria cedo e legaria à posteridade a sua obra, como, aliás, o próprio Pessoa, nas palavras do mesmo profundamente alterado pelo contacto com o *mestre* Caetano:

⁸ Cf. as conjecturas a respeito da datação de *Aspectos* de Teresa Sobral Cunha (PCAC: 321) e Jerónimo Pizarro (*LdD*: 965-966), assim como as observações de Pizarro a respeito do projecto *Ficções do Interlúdio* (cf. *idem*).

“Assim, operando sobre mim mesmo, me livrou de sombras e farrapos, me deu mais inspiração á inspiração e mais alma á alma. Depois d’isto, assim prodigiosamente conseguido, quem perguntará se Caeiro existiu?” (LdD: 454)⁹

Ao contrário de outras obras, *O Guardador de Rebanhos* foi elaborado segundo a ideia de um conjunto de poemas unidos por um fio condutor e estava desde muito cedo, supõe-se que desde 1914, terminado, datando do mesmo ano os primeiros planos de organização e de edição do mesmo. Apesar disso, Pessoa não estava satisfeito, continuando a acrescentar emendas e variantes aos poemas do *Guardador*, assim como escrevendo ainda novos poemas, de *O Pastor Amoroso* ou do conjunto inicialmente designado por *outros poemas e fragmentos*. Em 1917, planeia novamente a publicação do *Guardador*, seguida de *outros poemas e fragmentos*, como obra de lançamento do *Neo-Paganismo*. Ainda assim, opta por publicar, em 1918, poemas ingleses. O mesmo acontece em 1921, altura em que já a tradução inglesa de Caeiro figura na lista de projectos de publicações da editora *Olisipo* (cf. BNP / E3: 137A-24^r), tendo Pessoa editado apenas, novamente e sob a chancela da mesma, poemas ingleses. Em planos tardios, o livro de Caeiro cresce e torna-se mais complexo. Apesar dos diversos planos de publicação e da insistência de Gaspar Simões, que confessava a sua particular admiração por este heterónimo, Pessoa aponta, como entrave, a necessidade de revisão, verbal e psicológica, e nunca chega a preparar o livro para publicação.

Uma manifesta ambiguidade relativa ao desejo de publicar é expressa por Pessoa em diversas passagens de escritos quer ficcionais quer de índole reflexiva. Uma das mais belas passagens a este respeito encontra-se precisamente num poema de Caeiro, datado de 1915 e incluído nos *Poemas Inconjuntos* publicados na revista *Athena*, em 1925. A questão da publicação surge aqui associada à aceitação de um destino que transcende a vontade do eu, eu este que aceita, num primeiro momento, ser um poeta inédito:

9 Esta ideia, expressa aqui num esboço, datável por volta de 1916 (cf. LdD: 454), de um prefácio a *Ficções do Interlúdio*, primeiro conjunto pensado para a publicação da obra dos heterónimos, é continuamente sublinhada nos mais diversos textos, sendo particularmente de realçar a este respeito as citadas *Notas para a Recordação do meu mestre Caeiro*, assim como a carta a Adolfo Casais Monteiro sobre a génese dos heterónimos (cf. PCAC: 155-177 e CO-II: 337-348).

“Se eu morrer novo / Sem poder publicar livro nenhum, / Sem ver a cara que têm os meus versos em letra impressa, / Peço que, se se quiserem ralar por minha causa, / Que não se ralem / Se assim aconteceu, assim está certo.” (AC: 107)

Conclui, no entanto, em seguida, que a mesma força do destino conduziria necessariamente à publicação dos versos, ainda que desta não dependa o seu valor:

“Mesmo que os meus versos nunca sejam impressos, / Eles lá terão a sua beleza, se forem belos. / Mas eles não podem ser belos e ficar por imprimir, / Porque as raízes podem estar debaixo da terra / Mas as flores florescem ao ar livre e à vista / Tem que ser assim por força. Nada o pode impedir.” (*idem*)

Na base do problema da publicação da obra de Caeiro encontrava-se, no entanto, a questão mais difícil e delicada da concepção e organização daquele que seria o livro de Caeiro, livro este que levanta uma série de questões que serão em seguida esboçadas, sendo sublinhadas algumas dificuldades fundamentais, que, num sentido a precisar, estariam na base da impossibilidade de Pessoa em concluir o projecto.

Tanto no caso de Campos e de Reis, como em relação ao *Livro do Desassossego*, a um primeiro projecto de edição a que corresponde uma relativa unidade da obra seguem-se textos que só dificilmente caberiam no mesmo livro dos primeiros.¹⁰ Possivelmente na tentativa de responder a este problema, Pessoa concebe a ideia de uma “evolução” da obra, que espelharia a evolução do próprio heterónimo e seria expressa pela estrutura do seu livro, como o mesmo refere em *Aspectos*, designação já acima referida e que surge como título de um texto escrito por volta de 1918, concebido como prefácio à projectada edição das obras dos heterónimos:

“Cada personalidade dessas – reparai – é perfeitamente uma consigo própria, e, onde há uma obra disposta cronologicamente, como em Caeiro

10 Refiro-me aqui ao não só projectado como publicado primeiro livro de odes de Ricardo Reis (*Athena*, nº1, 1924), ao projectado e nunca realizado livro das grandes odes futuristas de Álvaro de Campos, que teria o título *Arco de Triunfo*, como surge em diversas listas de projectos, e a um conjunto de primeiros textos do *Livro do Desassossego*, atribuído a Pessoa ou a Vicente Guedes.

e Álvaro de Campos, a evolução da pessoa moral e intelectual do autor é perfeitamente definida.

Vede como isto se dá em Caeiro. Da limpidez primitiva (que nunca, eu, logrei compreender ou sentir) da impressão nativa, a evolução é directa, adentro de *O Guardador de Rebanhos* para a aprofundação filosófica. O pequeno episódio – expressivo de qualquer realidade do autor, que ignoro – de *O Pastor Amoroso* intervém e diferencia. Depois, com a vinda da doença, a perfeita lucilação imaginativa ou sensível se apaga, e temos, nos poemas fragmentários finais do livro, em certo ponto ainda a continuação do aprofundamento pela evolução do espírito do poeta, em outros pontos uma turbacão da obra, pela doença final, real como as minhas mãos, a que, com mágoa minha que chorei em lágrimas, o grande poeta socumbiu.” (PCAC: 242)

Pessoa procura aqui justificar a importância das duas últimas partes do livro, esboçando uma explicação da sua estrutura no estabelecimento de um elo entre a mesma e a evolução da personalidade do heterónimo Caeiro. Poder-se-ia especular, a este propósito, sobre as dificuldades colocadas à organização do livro por poemas onde é evidente uma ruptura com uma relativa coerência interna do *Guardador*, como são, de facto, os casos evidentes de alguns dos poemas de *O Pastor Amoroso* ou dos *Poemas Inconjuntos* – não sendo o próprio *Guardador* verdadeiramente homogéneo – imaginando como Pessoa se debateria com o carácter heterogéneo ou até contraditório da obra. Vemos, no entanto, como estas rupturas com um determinado conteúdo são não só conscientes como premeditadas da parte de Pessoa, sendo, por diversas vezes, objecto de análise nos múltiplos textos que servem de suporte aos poemas de Caeiro. Um exemplo disto mesmo, entre muitos, é uma passagem dos esboços do prefácio de Ricardo Reis ao livro de poemas do *mestre*:

“Refiro-me ao caminho seguido pela inspiração de Caeiro, a partir do fim de *O Guardador de Rebanhos* – isto é a contar dos dois pequenos poemas de *O Pastor Amoroso* até ao fim. O cérebro do poeta torna-se confuso, a sua filosofia se entaramela, os seus princípios sofrem a derrota que, na indisciplina da alma, representa em espírito o que seja a vitória ignóbil de uma revolução de escravos. O leitor que tenha seguido a curva ascensional de *O Guardador de Rebanhos* verá, passado esse conjunto de poemas, como a inspiração se deteriora e se confunde. Não se desvia, propriamente: senão que sofre a intrusão de elementos estranhos a ela.” (*idem*: 33)

O livro que deveria “rasgar a névoa cristã”, ainda nas palavras de Ricardo Reis, só o fazia de forma imperfeita ou incompleta, sendo esta imperfeição remetida precisamente para o problema do carácter contraditório de alguns elementos da obra:

“Por certo que a obra tem defeitos que, sendo para mim bem patentes, não empanam, salvo no pouco em que a empanam, a cintilação da obra. Rasgou Caeiro a névoa cristã [...] Mas nem rasgou inteiramente essa névoa, nem de todo a conseguiu erguer de diante dos seus olhos. Ambas as incompletidões eram de esperar. [...] Como não falamos já grego, também não pensamos grego. Por isso na obra de Caeiro aparecem alguns elementos que, embora não escondam a sua essência, todavia a contradizem.” (*idem*: 32)

É concebível que Pessoa procurasse resolver de diverso modo – através do trabalho na estrutura da obra, da introdução de emendas nos poemas ou da elaboração de textos que lhe serviriam de suporte – aquelas que entendia como imperfeições ou “incompletidões” de uma obra que concebeu, mais do que todas as outras, como o seu livro de referência.¹¹ Livro possuidor de uma dimensão próxima do sagrado, livro do *mestre* dos heterónimos e do próprio Pessoa, talvez fosse este aquele que melhor poderia corresponder a uma ideia de livro associada a uma dimensão de revelação, como Pessoa o concebe muito cedo, numa nota de 1908:

“Tenho de escrever o meu livro. Receio qual possa ser a verdade. Mas mesmo que seja má, tenho de a escrever. Deus queira que a verdade não seja má!” (*EAR*: 85)

Foi, no entanto, igualmente um livro que Pessoa quis que fosse, como o próprio o definiu, um *livro por escrever*. Enquanto Pessoa procurava, por um lado, conferir uma unidade e uma coerência a um todo que seria o livro do *mestre*, introduzia, ao mesmo tempo, elementos que destoavam deste todo, cuja constituição implicava assim constantes rupturas

¹¹ Caeiro é referência constante não só dos textos que serviriam de suporte à obra mas também dos textos dos diversos heterónimos. Citamos, a título de exemplo, uma conhecida passagem de um poema de Álvaro de Campos: “Mestre, meu mestre querido! / Coração do meu corpo intelectual e inteiro! / Vida da origem da minha inspiração! [...] Mestre, só seria como tu se tivesse sido tu. / Triste a grande hora alegre em que primeiro te ouvi!” (*PCAC*: 287).

em si mesma. Pessoa justifica estas rupturas de modos muito diversos, remetendo-as ora para a doença de Caeiro, ora para dificuldades de se libertar da herança cristã ou até para o facto de determinado poema resultar de um momento singular que estaria na origem de algo distinto do habitual conteúdo do seu pensamento, como Caeiro confessa a Campos, nas *Notas para a Recordação do meu mestre Caeiro*:

“Ainda hoje, de vez em quando, escrevo um ou outro poema com que não concordo; mas escrevo-o. Assim como acho toda a gente interessante por não ser eu, acho às vezes interessante um ou outro momento em que não sou eu.” (PCAC: 173)

Podem entender-se as diversas questões referidas como dificuldades na concepção do livro que têm essencialmente que ver com o problema da oposição entre a concepção de uma *totalidade homogénea* e a introdução de *elementos heterogéneos*, que dela destoam e a impedem de se consumir. Esta tensão entre a constituição de um todo e a ruptura com o mesmo não é casual ou fortuita, tratando-se, como foi mostrado, de um problema de que Pessoa tem absoluta consciência e sobre o qual reflecte.

Um segundo problema prende-se com o modo particular como foi concebida a figura de Caeiro, como *mestre* que habita fora da civilização, distante da cultura livresca, cultivando a experiência antes e fora da linguagem, nunca expressa totalmente por esta.

“Assim como falham as palavras quando queremos exprimir qualquer pensamento, / Assim faltam os pensamentos quando queremos pensar qualquer realidade. / Mas, como a essência do pensamento não é ser dito mas ser pensado, / Assim é a essência da realidade o existir, não o ser pensada.” (AC: 127)

Se se relacionar este cepticismo em relação à linguagem como veículo de transmissão da experiência à concepção do livro de poemas, é compreensível que os poemas de Caeiro necessitassem de uma “revisão verbal” nunca concluída. Neste sentido, era difícil ou mesmo impossível aceitar a imperfeição material por oposição a uma perfeição imaterial idealizada como a experiência pura das sensações. Numa nota atribuível a Caeiro, Pessoa procura resolver este problema, concebendo o verso

como a linguagem natural, aquela que não necessitaria de emendas por não estar presa à artificialidade da linguagem escrita, prosaica:

“Só a prosa é que se emenda. O verso nunca se emenda. A prosa é artificial. O verso é que é natural. Nós não falamos em prosa. Falamos em verso. Falamos em verso sem rima nem ritmo. [...] Os meus versos são naturais porque são feitos assim” (*idem*: 201)

Esta ideia está em plena contradição com aquela que foi uma das actividades predilectas de Pessoa – documentada, como acima referido, nos manuscritos dos poemas, na correspondência e ainda em notas –, a de introduzir emendas e variantes nos poemas de Caetano. Ao desejo de alcançar a dimensão natural da experiência, da pura imediatez das sensações, junta-se o de escrever um livro que fosse a referência de todos os outros. Encontra-se aqui uma clara dificuldade por ultrapassar, a de estabelecer uma ponte de ligação entre o Caetano *ideal*, referente de múltiplos textos, e o da sua inscrição *material* num livro que deveria transportar, totalmente e sem mácula, esta dimensão ideal para a materialidade do seu suporte. Caetano, o “Argonauta das sensações verdadeiras” (*idem*: 83), mestre na arte de ver a natureza sem o auxílio dos livros, foi, afinal, concebido como personagem cuja substância depende da obra que assina.¹²

Na base da ideia do livro estava precisamente a possibilidade de nele se definir a doutrina de Caetano, conferindo profundidade psicológica ao seu heterónimo-autor, de acordo com a afirmação assinada por Campos nas “Notas”: “O meu mestre Caetano, como não dizia senão o que era, pode ser definido por qualquer frase sua, escrita ou falada” (PCAC: 158). Este era afinal mais um ideal, segundo o próprio Campos apenas parcialmente realizado, como nos deixa entender a segunda metade da mesma frase, que contradiz a primeira: “sobretudo depois do período que começa do meio em diante de *O Guardador de Rebanhos*” (*idem*).

12 Eduardo Lourenço aponta para a importância da distinção entre o “personagem ideal” de Caetano e a sua “realidade poética” ou entre o Caetano “implícito” e o “explícito” (cf. Lourenço, 2000: 37 ss.). Também José Gil sublinha a necessidade de distinguir o que designa como o plano do “Caetano-real” e o do “sujeito do enunciado” (Gil, 1993: 23 ss.). Independentemente das diferenças de acento, colocado por Lourenço no texto poético e por Gil no de Caetano enquanto figura que transcende o próprio texto, parece-nos que toda a leitura deve ter em conta esta distinção fundamental.

Decisivo é, sem dúvida, o elo entre o livro e o heterónimo Caeiro, na sua posição dupla de sujeito da enunciação, suposto autor dos poemas, e referente do enunciado, isto é, personagem que só se constitui enquanto tal a partir dos textos que assina e, em particular, a partir do livro que lhe é atribuído, dado à noção de livro estar associada uma ideia de totalidade que não subjaz à concepção de textos dispersos.

De acordo com as reflexões de Pessoa no prefácio *Aspectos*, o projecto da heteronímia seria precisamente o de *escrever aspectos da realidade, totalizados em pessoas que os tivessem* (*idem*, p. 241), sendo que estas mesmas pessoas, ou personagens, seriam pensadas enquanto autoras de livros e, simultaneamente, como *pessoas-livros* (*idem*), na medida em que a personagem do heterónimo se constitui a partir do livro que lhe é atribuído. A esta noção surge associada a ideia, acima referida, de o livro espelhar a evolução da personalidade do heterónimo (cf. *idem*: 239-243).

A concepção do heterónimo Caeiro é pois indissociável da criação do seu livro, sendo categorias que se implicam mutuamente. Esta mesma ideia é ainda evidente na afirmação de Pessoa a Gaspar Simões de que os poemas necessitariam de uma “revisão psicológica”, de modo a estarem de acordo com a psicologia de Caeiro. Assim como Pessoa duvidava sobre que paratextos deveriam acompanhar a obra ou em que série esta deveria estar inserida, encontramos a mesma dúvida quanto à ocupação da posição de autor. Este problema prende-se com uma dimensão paradoxal inerente ao projecto heteronímico: Caeiro tem, por um lado, uma existência meramente ficcional, textual e dependente de uma determinada estrutura da obra, pensada enquanto livro, devendo, por outro lado, de acordo com o modo como foi concebido, transcender estas dimensões, tornando-se, por fim, figura exterior ao próprio texto, autor do seu livro, *mestre* dos heterónimos e do próprio Pessoa.

De acordo com a concepção de Pessoa em *Aspectos*, o livro teria dois autores, Caeiro, personagem que assina a obra e Pessoa, o “autor real (ou porventura aparente)”:

“A cada personalidade mais demorada, que o autor destes livros conseguiu viver dentro de si, ele deu uma índole expressiva, e fez dessa personalidade um autor, com um livro, ou livros, com as ideias, as emoções, e a arte dos quais, ele, o autor real (ou porventura aparente, porque não sabemos o

que seja a realidade), nada tem, salvo o ter sido, no escrevê-las, o médium de figuras que ele próprio criou.” (*idem*: 239)

Tanto nas listas de projectos como na correspondência tardias, Pessoa opta por ser ele próprio a ocupar a posição de autor, contrariando a ideia anterior de publicar as obras em nome dos heterónimos, ideia esta concretizada nas diversas publicações em revistas. Certo é que o problema da *autoria* do livro colocava profundas dificuldades à concepção do mesmo, dado estar aqui em causa a questão da delimitação de um espaço próprio para os poemas de Caeiro, no seu conjunto, implicando este conjunto uma ideia de autonomia implícita tanto na noção de heterónimo como na ideia do livro que lhe é atribuído.

A concepção do livro de Caeiro implica, por um lado, uma ideia de alterização, segundo a concepção, expressa igualmente em *Aspectos*, de que os livros dos heterónimos seriam *livros de outros*, independentes do seu *autor real*, assim como das suas eventuais concepções metafísicas, ideia esta que está em plena continuidade com o projecto do *drama em gente* de “sentir na pessoa de outro” (*CO-I*: 142):

“[...] assim o problema metafísico *meu* não existe, porque não pode, nem tem que existir adentro das capas destes meus livros de outros.” (*PCAC*: 242)

Por outro lado, Caeiro é, como vimos, mais do que um simples outro de Pessoa, sendo, nas palavras do próprio no referido esboço ao prefácio a *Ficções de Interlúdio*, o centro do seu universo literário, de si mesmo e até da alma do mundo:

“Que importa que seja de mim, se assim é Caeiro? [...] Centro não só da minha alma, mas da alma do velho mundo ressurrecto” (*LdD*: 454)

Enquanto as outras obras heterónimas implicam um semelhante processo de alterização, ao qual é conferido um determinado limite, que resulta da sua inserção num conjunto do qual dependem, encontra-se em Caeiro uma ideia de livro mais próxima da citada nota de 1904, que o associa a uma dimensão de revelação, assim como da concepção *mallarmeniana* de um livro total, absoluto e impessoal, que apresentasse uma explicação objectiva do mundo e do modo adequado do sujeito

com este se relacionar. Neste sentido, o livro de Caeiro apresentaria um carácter de manual de vivência do mundo, sendo a referência central do *Sensacionismo* e do *Neo-Paganismo* pessoanos.

Assim como os outros heterónimos e o próprio Pessoa dependem da sua relação com o *mestre*, o livro de Caeiro implicaria, mais do que todos os outros, o apagamento de qualquer traço de subjectividade do autor Pessoa. À ideia de escrever vários livros, atribuídos a heterónimos, que mostrassem plurais *aspectos* da realidade, junta-se e contrapõe-se aqui a ideia de um livro absoluto, centro não só da “alma” de todos os seus *discípulos*, como da própria “alma” do “velho mundo”, nele “ressurrecto”.

Anexo

(1) [14B-16 e 16a^v]

[1914-1915]

Um grande poeta materialista
(Alberto Caeiro)

~~A entusiasthica all~~ □

Entre o grande numero de casos curiosos que existem na literatura, o caso de Alberto Caeiro é dos mais curiosos.

Alberto Caeiro:

Seculo – art. do Sá-Carneiro.

Montanha – art. do Ribeiro Lopes (?)

El Tea - artigo do A.P. Guisado.

(S. Miguel) – art. do Côrtes-Rodrigues.

Economia – art. do Carvalho Mourão (?)

A Aguia – art. de F. Pessoa.

O Mundo - ver se se obtem Santos-Vieira. (pelo lado anti-clerical □)

A Republica - pelo Boavida Portugal

(*Torres de Abreu* talvez consiga qualquér cousa. Se Albertino da Silva pudesse fallar, mesmo que atacasse!)

[16a^v]

In England:

T-P's Weekly – paper article

English (or another) Review – big article

Preface to translation

France:

art. in *Mercure de France*.

Pref. to translation.

Spanish: (through *Guisado*)

and perhaps *Renacimiento*.

Italian:

[16^v]

German:

(2) [8-3^v] [circa 1916]

1. *Alberto Caeiro* – “O Guardador de Rebanhos.”
2. Entrevista com A. Caeiro, talvez no *Theatro*.
3. Artigo sobre A. Caeiro, n’*A Águia*.
4. Artigo sobre Caeiro no “T.P.’s Weekly.” – ?.
5. Trad. de A.C. – *The Keeper of Sheep*.
6. – *Le Gardien des [↑e] Troupeaux*.
7. Tentar artigo no *Mercure de France*, sobre Alberto Caeiro.

(3) [22-2^r] [circa 1917]

Alberto Caeiro (1889-1915)

O GUARDADOR DE REBANHOS. Poemas. Seguidos de outros poemas e fragmentos.

Com um prefácio do Dr. Ricardo Reis.

-
- A. Nota dos Editores do Livro.
 - B. Prefácio do Dr. Ricardo Reis.
 - C. O Guardador de Rebanhos.
 - D. O Pastor Amoroso.
 - E. Poemas e Fragmentos não revistos.
-

Summario do Prefácio do Dr. Ricardo Reis:

1. Apresentação das razões porque se fez o prefácio, e divisão do prefácio.

2. A obra de Alberto Caeiro como obra poetica em si.
3. A obra de Alberto Caeiro como obra de reconstrução pagan.
4. A obra de Alberto Caeiro considerada no seu conjuncto.
5. Fim do prefacio e apreciação geral

(4) [67-50^r] [1919]

Caeiro
Livro por escrever

(5) [48B-8^r] [*post* 1925]

Fernando Pessoa –
Os Poemas Completos de Alberto Caeiro
Com um prefacio do Dr. Ricardo Reis, e /[] alguns]/ outros apontamentos

Fernando Pessoa –
Accessorios
Versos de Alvaro de Campos

1. Theoria do Suffragio Politico.
2. A Opinião Publica.

(6) [48C-28^r] [*post* 1928]

O REGRESSO DOS DEUSES - I. POEMAS COMPLETOS DE ALBERTO CAEIRO (1889-1915)

1. Nota dos Editores.
2. Prefacio do Dr. Ricardo Reis.
3. Poemas Completos de Alberto Caeiro:
 - I. O Guardador de Rebanhos
 - II. O Pastor Amoroso
 - III. Poemas Inconjunctos
4. Natividade de Alberto Caeiro, por Fernando Pessoa.
5. Notas para a recordação do meu mestre Caeiro, por Alvaro de Campos.

O REGRESSO DOS DEUSES - II. RICARDO REIS, ODES, LIV. I-III.

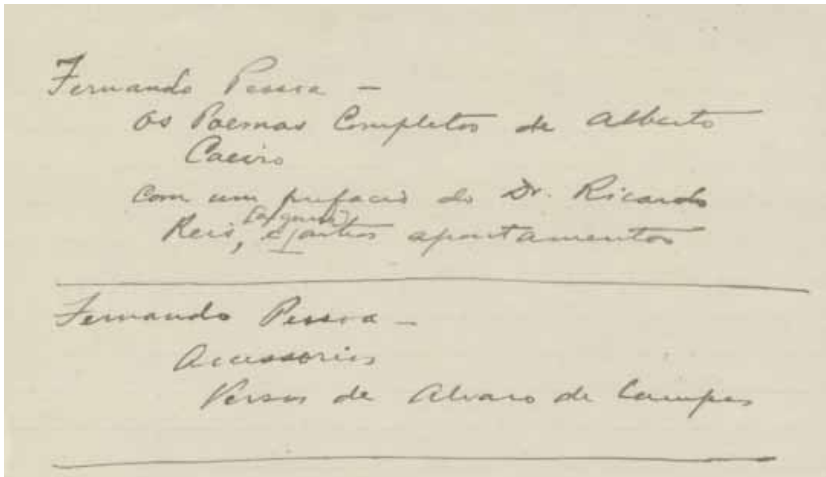
O REGRESSO DOS DEUSES - III. ACCESSORIOS, POEMAS DE ALVARO DE CAMPOS

(7) [51-89^r] [1933]

1. Portugal
2. Cancioneiro, Liv. I (100 poemas).
3. Caeiro (só?).

(para 1933).

a não ser que a revisão de Caeiro dê
muito que fazer.



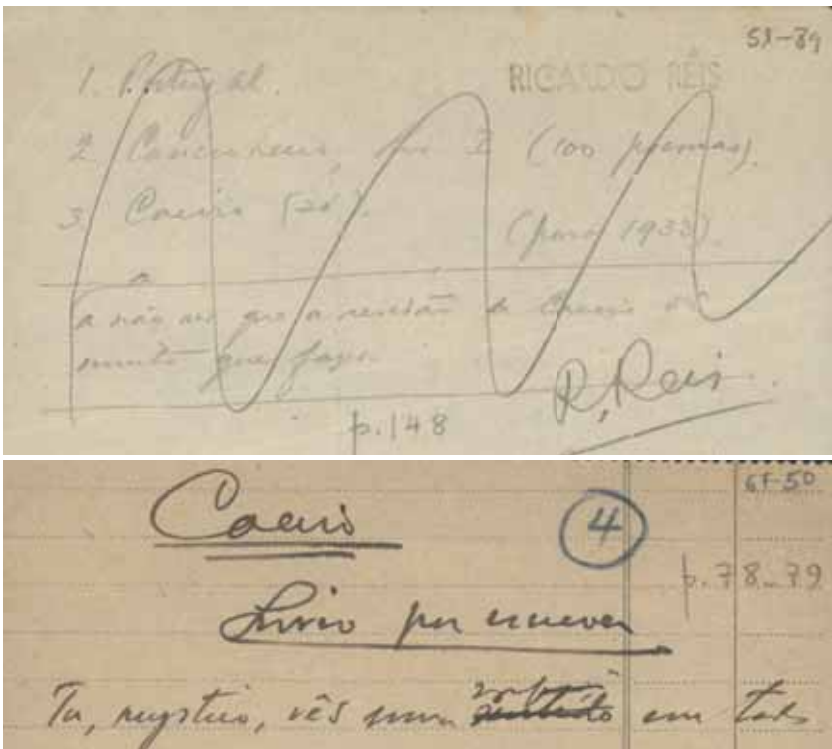


Figura 2: BNP / E3: 48B-8' (cf. Anexo, 5)

Figura 3: BNP / E3: 51-89' (cf. Anexo, 7)

Figura 4: BNP / E3: 67-50' (cf. Anexo, 4)

Símbolos utilizados na transcrição

- espaço deixado em branco pelo autor
- // lição dubitada pelo autor
- [↑] acresceto na entrelinha superior

Notas ao Anexo

- 1) Lista parcialmente transcrita em Lopes, 1990: 356. Lista semelhante, em termos materiais e de conteúdo, a outras que tematizavam o lançamento de *Orpheu*, com referência aos companheiros da geração, datável portanto de

- 1914 ou 1915. Deve-se ao colega Humberto Brito a perspicaz decifração da palavra “Italian”, de difícil leitura, a quem agradeço.
- 2) Lista publicada anteriormente, como *facsimile*, em PCAC, ed. Teresa Sobral Cunha: 212, e transcrita em LdD, ed. Jerónimo Pizarro: 727. A lista surge no verso de um trecho do *Livro*, ao qual Pizarro atribui a data conjectural de 1917. Trata-se de um plano certamente posterior ao primeiro, dada a ausência de referências aos companheiros de *Orpheu* e pelo facto de apresentar as mesmas características materiais que o referido trecho, o que a aproxima de textos de 1916 ou 1917. Fernando Cabral Martins, a quem agradeço por ter comentado diversos pontos do artigo, sublinhou o facto de o plano não dever estar, ainda assim, muito distante do primeiro, dadas as referências a revistas que estavam no horizonte de Pessoa por altura do seu envolvimento no grupo de *Orpheu*.
 - 3) Lista publicada anteriormente em PIAI, ed. Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho: 222 e datável por volta de 1917, dado surgir associada a duas outras listas de publicação de obras do *Neo-Paganismo*, aparecendo numa delas as datas de 1917 e 1918 como projectadas datas de publicação das obras (cf. 21-1^ª e 21-3^ª).
 - 4) Nota inédita, escrita sobre um *poema inconjuncto*, cuja imagem está disponível *online*, na página do espólio pessoano da Biblioteca Nacional (cf. http://purl.pt/1000/1/alberto-caeiro/obras/bn-acpc-e-e3/bn-acpc-e-e3_item209/P1.html, consultado em Junho de 2010), sendo que um segundo poema, no verso, possui a indicação de data de 12-4-1919.
 - 5) Lista inédita, onde surge a referência a *Poemas Completos de Alberto Caetano*, designação tardia, assim como a *Acessórios*, o segundo título previsto para o livro de poemas de Álvaro de Campos, que se encontra em listas a partir da segunda metade dos anos vinte, indicando tratar-se de uma lista posterior a 1925.
 - 6) Lista publicada anteriormente em Lopes, 1990: 354 e, como *facsimile*, em PCAC: 19, sendo as designações claramente tardias, com destaque para as *Notas* de Campos, texto datável do final dos anos vinte e publicado em 1931.
 - 7) Lista inédita, onde surge a data de 1933 como possível data de publicação de Caetano e uma sequência de projectos de publicação que corresponde àquela que Pessoa indica em cartas aos editores da *Presença*, por volta de 1932-33. Por baixo surge um poema atribuído a Ricardo Reis, com data de 14-2-1933.

Referências

- PESSOA, Fernando, *Poemas Completos de Alberto Caeiro*, ed. Teresa Sobral Cunha, Lisboa, Editorial Presença, 1994. (PCAC)
- Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, ed. Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho Lisboa, Ática, 1996. (PIAI)
- Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da Presença*, Ed. Crítica de Fernando Pessoa. Estudos, Vol. II, Lisboa, INCM, 1998. (CFPP)
- Correspondência*, Vol. I, 1905-1922, ed. Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio e Alvim, 1999. (CO-I)
- Correspondência*, Vol. II, 1923-1935, ed. Manuela Parreira da Silva, Lisboa, Assírio e Alvim, 1999. (CO-II)
- Crítica. Ensaios, Artigos, Entrevistas*, ed. Fernando Cabral Martins, Lisboa, Assírio e Alvim, 2000. (CRI)
- Alberto Caeiro. Poesia*, ed. Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Lisboa, Assírio e Alvim, 2001. (AC)
- Obras de António Mora*, Ed. Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, Vol. VI, ed. Luís Filipe Teixeira, Lisboa, INCM, 2002. (AM)
- Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*, ed. Richard Zenith, Lisboa, Assírio e Alvim, 2003. (EAR)
- Sensacionismo e Outros Ismos*, Ed. Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, Vol. X, ed. Jerónimo Pizarro, Lisboa, INCM, 2009. (SOI)
- Livro do Desasocego*, Ed. Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, Vol. XII, Tomos I e II, ed. Jerónimo Pizarro, Lisboa, INCM, 2010. (LdD)
- CASTRO, Ivo (1986), “Apresentação”, *O manuscrito de “O Guardador de Rebanhos” de Alberto Caeiro*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, pp. 7-22.
- (1990), “Espólio e Edição de Alberto Caeiro”, *Editar Pessoa*, Lisboa, INCM, pp. 61-116.
- GIL, José (1993), “O Trágico e os Destinos do Desassossego”, *O Espaço Interior*, Lisboa, Editorial Presença, pp. 15-32.
- GUSMÃO, Manuel (1986), “Apresentação Crítica”, *A Poesia de Alberto Caeiro*, Lisboa, Comunicação, pp. 11-84.
- LOPES, Teresa Rita (1990), *Pessoa por Conhecer, Textos para um Novo Mapa*, Lisboa, Estampa.
- LOURENÇO, Eduardo (2000), *Pessoa Revisitado, Leitura estruturante do drama em gente*, Lisboa, Gradiva.
- ZENITH, Richard (2001), “Caeiro Triunfal”, *Alberto Caeiro, Poesia*, Lisboa, Assírio e Alvim, pp. 226-266.